

*PAULLINA SIMONS*

*O GRANDE AMOR  
DA MINHA VIDA*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR*

*MARIA NÓVOA*

ASA



*LIVRO UM*  
*LENINEGRADO*



*PRIMEIRA PARTE*

*O CREPÚSCULO LUMINOSO*



## O CAMPO DE MARTE

### 1

A manhã entrou pela janela, enchendo o quarto de luz. Tatiana Metanova dormia o sono dos inocentes, o sono da alegria agitada, das noites quentes e brancas de Leninegrado, do junho jasmim. Inebriada pela vida, dormia sobretudo o sono exuberante da juventude intrépida.

Não dormiu muito mais.

Quando os raios de sol atravessaram o quarto e pousaram aos pés da sua cama, cobriu a cabeça com o lençol, tentando esconder-se da luz do dia. A porta abriu-se e ouviu o chão ranger uma vez. Era a sua irmã, Dasha.

Daria, Dasha, Dashenka, Dashka.

Representava tudo o que Tatiana amava.

Naquele momento, porém, a única coisa de que tinha vontade era de a esganar. Dasha tentava acordá-la e, infelizmente, estava a conseguir. As suas mãos vigorosas abanavam-na enquanto a voz, normalmente harmoniosa, parecia esganiçada:

– Psst! Tania! Acorda. Acorda!

Tatiana gemeu. Dasha puxou-lhe o lençol.

A diferença de sete anos que tinham uma da outra era mais evidente agora, quando Tatiana queria dormir e Dasha estava a...

– Para! – resmungou Tatiana, procurando desesperadamente o lençol atrás de si e tapando-se de novo. – Não vêes que estou a dormir? Pensas que és minha mãe?

A porta abriu-se outra vez. Dois rangidos no soalho. Era mesmo a mãe.

– Tania, queres acordar? Levanta-te imediatamente.

Não podia dizer que a voz da mãe fosse harmoniosa. Irina Metanova não tinha nada de suave. Era baixa, barulhenta e cheia de uma energia indignada e transbordante. Trazia um lenço atado à cabeça, porque provavelmente já andara de joelhos a lavar o chão da casa de banho comum com o seu vestido azul de verão. Parecia descomposta e com o domingo estragado.

– O que foi, mãezinha? – perguntou Tatiana, sem levantar a cabeça da almofada.

O cabelo de Dasha tocou-lhe nas costas. Tinha a mão na sua perna e inclinou-se como se fosse beijá-la. Tatiana sentiu uma ternura momentânea, mas antes de Dasha poder dizer fosse o que fosse, a voz ríspida da mãe fez-se ouvir de novo:

– Levanta-te depressa. Vão fazer um comunicado importante na rádio daqui a uns minutos.

– Onde estiveste ontem à noite? – segredou Tatiana a Dasha. – Já era de madrugada quando chegaste.

– E eu tenho culpa de que ontem a madrugada tenha sido à meia-noite? – murmurou Dasha com prazer. – Cheguei à meia-noite, uma hora perfeitamente respeitável. – Fazendo um sorriso aberto: – Dormias como uma pedra.

– A madrugada foi às três e não estavas em casa.

Dasha fez uma pausa.

– Vou dizer ao paizinho que fiquei do outro lado do rio quando as pontes foram içadas, às três horas.

– Pois faz isso. Explica-lhe o que andavas a fazer do outro lado do rio às três da manhã. – Virou-se. Dasha estava particularmente bonita naquela manhã. Tinha o cabelo castanho-escuro e rebelde e um rosto animado, redondo, de olhos escuros, sempre reagindo a tudo. Naquele momento, a reação era de animada exasperação. Tatiana também se sentia exasperada... mas menos animada. Apetecia-lhe continuar a dormir. Mas percebendo o olhar tenso da mãe, perguntou: – Que comunicado?

A mãe estava a tirar os lençóis do sofá.

– Mãezinha! Que comunicado? – repetiu.

– Só sei que vai haver um comunicado do Governo daqui a uns minutos – teimou a mãe, abanando a cabeça como a dizer: *não é evidente?*

Acordou com relutância. Comunicado. Era caso raro interromper-se a música com comunicados do Governo.

– Se calhar invadimos outra vez a Finlândia. – Esfregou os olhos.

– Está calada – disse a mãe.

– Ou então invadiram-nos eles a nós. Ainda não desistiram de recuperar as fronteiras que perderam o ano passado.

– Nós não os invadimos – disse Dasha. – O que fizemos o ano passado foi recuperar as *nossas* fronteiras, que perdemos na Grande Guerra. E vê se deixas de ouvir as conversas dos adultos.

– Não perdemos nada as nossas fronteiras – protestou Tatiana. – O camarada Lenine deu-as de livre vontade. Portanto, não conta.

– Tania, não estamos em guerra com a Finlândia. Levanta-te.

Não saiu da cama.

– Então é com a Letónia? A Lituânia? A Bielorrússia? Também não nos apoderámos delas depois do pacto entre Hitler e Estaline?

– Tatiana Georgievna! Cala-te! – A mãe tratava-a sempre pelos dois primeiros nomes, o próprio e o patronímico, quando queria mostrar-lhe que não estava para graças.

Fingiu-se muito séria:

– Que mais haverá? Já temos metade da Polónia.

– Já te disse para estares calada! – exclamou a mãe. – Chega. Salta da cama. Daria Georgievna, põe a tua irmã fora da cama.

Dasha não se mexeu.

Resmungando, a mãe saiu do quarto.

– Tenho uma coisa para te contar! – murmurou Dasha com ar conspirador, virando-se rapidamente para a irmã.

– Uma coisa boa? – Tatiana apurou logo o ouvido e sentou-se. Dasha costumava falar pouco da sua vida adulta.

– Uma coisa ótima! – retorquiu Dasha. – Estou apaixonada!

Tatiana revirou os olhos e deixou-se cair para trás.

– Para com isso! – disse Dasha, saltando para cima dela. – Estou a falar a sério, Tania.

– Pronto, está bem. Conheceste-o ontem enquanto as pontes estavam levantadas? – Sorriu.

– Ontem foi a terceira vez.

Tatiana abanou a cabeça, fitando a irmã, cuja alegria era contagiante.

– Importas-te de sair de cima de mim?

– Importo – respondeu, fazendo-lhe cócegas. – Só quando disseres: «Estou muito contente, Dasha.»

– Porque é que havia de o dizer? – exclamou Tatiana, rindo. – Não estou contente... Para com isso! Porque havia de estar contente? Não estou apaixonada. Está quieta!

A mãe voltou a entrar com um tabuleiro, seis canecas e um samovar de prata – uma espécie de chaleira com uma torneira e um tubo interior onde se colocam brasas, para ferver a água para o chá.

– Estejam quietas, as duas! Ouviram?

– Ouvimos, mãezinha – respondeu Dasha, fazendo cócegas à irmã uma última vez.

– Ai! – exclamou Tatiana o mais alto possível. – Mãezinha, parece-me que ela me partiu as costelas.

– Quem vos parte alguma coisa daqui a bocado sou eu. Já são crescidas de mais para essas brincadeiras.

Dasha deitou a língua de fora à irmã.

– Muito crescida – comentou Tatiana. – A nossa Mamochka não sabe que só tens dois anos.

Dasha continuou com a língua de fora. Tatiana estendeu a mão e deu-lhe um beliscão. Dasha guinchou e a irmã largou-a.

– Mas o que é que eu disse? – berrou a mãe.

Dasha inclinou-se e cochichou:

– Vais ver quando o conheceres. É lindo!

– O quê... mais do que aquele Sergei com que me torturaste? Não me disseste que era lindíssimo?

– Cala-te! – disse Dasha, dando-lhe uma palmada na perna.

– Claro. – Com um sorriso aberto: – E isso não foi ainda a semana passada?

– Nunca hás de compreender porque ainda és uma criança incorrigível. – Ouviu-se outra palmada. A mãe berrou e as raparigas sossegaram.

O pai, Georgi Vasilievich Metanov, entrou. Era um homem baixo, na casa dos quarenta, com o cabelo espesso, rebelde e preto, começando a ficar grisalho. Dasha tinha o cabelo encaracolado do pai. Este passou pela cama, lançando um olhar vazio a Tatiana, com as pernas ainda debaixo dos lençóis, e disse:

– Tania, é meio-dia. Levanta-te. Ou vai haver sarilho. Quero-te vestida daqui a dois minutos.

– Isso é fácil – retorquiu Tatiana, dando um salto e mostrando à família que continuava com a blusa e a saia do dia anterior. Dasha e a mãe abanaram a cabeça e esta última quase sorriu.

O pai desviou o olhar para a janela.

– O que havemos de fazer com ela, Irina?

«Nada», pensou Tatiana. «Nada, desde que o paizinho olhe para o outro lado.»

– Tenho de me casar para poder ter finalmente um quarto meu onde possa vestir-me – comentou Dasha, ainda sentada.

– Deves estar a brincar – replicou Tatiana, aos saltos na cama. – Vais é ficar aqui com o teu marido. Eu, tu e ele, todos na mesma cama, com o Pasha aos pés. Não é romântico?

– Não te cases, Dashenka – aconselhou a mãe com um ar distraído. – Desta vez a Tania tem razão. Não há espaço para ele.

O pai não disse nada e ligou o rádio.

O quarto comprido e estreito tinha uma cama onde dormiam Tatiana e Dasha, um sofá para os pais e um estrado de metal ocupado pelo irmão gêmeo de Tatiana, Pasha. Como o estrado estava aos pés da cama, Pasha dizia que era o cãozinho de companhia das raparigas.

Os avós, a Babushka e o Deda<sup>1</sup>, viviam no quarto contíguo, ligado ao deles por um curto corredor. Às vezes, quando chegava tarde e não queria acordar os pais para não os ouvir no dia seguinte, Dasha dormia no pequeno sofá do vestíbulo, que só tinha cerca de um metro e meio de comprimento. Seria mais apropriado para Tatiana, que também pouco mais tinha do que um metro e meio, mas o certo era que ela não precisava de dormir na entrada, visto que raramente chegava tarde. Quanto a Dasha, a cantiga era outra!

– Onde está o Pasha? – perguntou Tatiana.

– A acabar de tomar o pequeno-almoço – respondeu a mãe, que não conseguia estar quieta. Enquanto o pai estava sentado no sofá imóvel como uma casa, a mãe atarefava-se à sua volta, apanhando maços de tabaco vazios, endireitando os livros na prateleira e limpando a mesa baixa com a mão. Tatiana continuava de pé e Dasha sentada na cama.

Os Metanov tinham sorte: possuíam dois quartos e uma parte do corredor comum. Seis anos atrás, haviam posto uma porta a separá-lo dos outros apartamentos. Era quase como se tivessem casa própria. Os Iglenko, que viviam do outro lado, eram obrigados a dormir os seis no mesmo quarto... e sem corredor. Esses, sim, tinham pouca sorte.

O sol filtrava-se através das cortinas brancas, que esvoaçavam.

Tatiana sabia que só haveria um instante, um brevíssimo momento em que seria iluminada pelas possibilidades do dia. Dali a pouco, tudo desapareceria. E desapareceu. No entanto... o sol invadindo o quarto, o barulho distante dos autocarros entrando pela janela aberta, aquele ventinho...

Era a parte do domingo de que mais gostava: o início.

Pasha entrou com o Deda e a Babushka. Apesar de gémeo de Tatiana, não se parecia nada com ela. Era um rapaz robusto e moreno, uma versão do pai em ponto pequeno. Baixando a cabeça na direção dela, observou:

– Que cabelo tão bonito!

Tatiana deitou-lhe a língua de fora. Ainda não tivera tempo de se pentear e arranjar.

Pasha sentou-se no estrado baixo e a Babushka aconchegou-se ao seu lado. Como era a mais alta dos Metanov, a família aconselhava-se com ela em tudo exceto em assuntos de moralidade, caso em que se viravam todos para o Deda. A Babushka era categórica, pouco amiga de brincadeiras e de cabelo prateado. O Deda era humilde, moreno e bondoso. Sentando-se no sofá ao lado de Georgi, murmurou:

– É coisa importante, filho.

<sup>1</sup> Babushka e Deda: avozinha e avozinho, em russo. (*N. do E.*)

O pai assentiu, ansioso.

A mãe continuava a limpar, ansiosa.

Tatiana observava a Babushka afagando as costas de Pasha.

– Pasha – murmurou, gatinhando até ao fundo da cama e puxando o irmão –, depois queres ir ao Parque Tauride? Aposto que te ganho às guerras.

– Vai sonhando – retorquiu Pasha. – Nunca me hás de ganhar.

Começou a ouvir-se uma série de estalidos vindos do rádio. Eram 12h30 do dia 22 de junho de 1941.

– Tania, cala-te e senta-te – ordenou Georgi à filha. – Vai começar. Irina, tu também. Senta-te.

O camarada Viacheslav Molotov, ministro dos Negócios Estrangeiros de Josef Estaline, começou:

«– Homens e mulheres, cidadãos da União Soviética, tenho instruções do governo soviético e do seu dirigente, o camarada Estaline, para fazer o seguinte comunicado: às quatro horas da manhã, sem qualquer declaração de guerra e sem qualquer provocação da parte da União Soviética, tropas alemãs atacaram o nosso país e vários pontos das nossas fronteiras, bombardeando do ar Shitomir, Kiev, Sebastopol, Kaunas e outras cidades. Este ataque foi levado a cabo apesar de existir um pacto de não-agressão entre a União Soviética e a Alemanha, um pacto cujos termos foram escrupulosamente observados pela União Soviética. Fomos atacados, embora, durante o período do pacto, o governo alemão nunca se tenha queixado de falta de cumprimento das suas obrigações por parte da URSS...

O Governo pede-vos, cidadãos e cidadãs da União Soviética, que cerreis ainda mais as fileiras em torno do glorioso Partido Bolchevique, do governo soviético e do nosso grande dirigente, o camarada Estaline. A nossa causa é justa. O inimigo será esmagado. A vitória será nossa.»

O rádio calou-se e a família ficou sentada num silêncio atónito e pesado.

– Oh, meu Deus – disse finalmente o pai, olhando do sofá para Dasha.

– Temos de ir imediatamente tirar o dinheiro do banco – afirmou a mãe.

– Outra vez evacuação não. Será que sobreviveremos a outra? É quase melhor ficar na cidade – comentou a Babushka Anna.

– E alguma vez conseguirei outro lugar de professor evacuado? Tenho idade para morrer, não para me mudar – observou o Deda.

– O quartel de Leninegrado não vai entrar na guerra, pois não? A guerra vai chegar ao quartel de Leninegrado? – perguntou Dasha.

– Guerra! Ouviste, Tania? Vou alistar-me. Vou lutar pela Mãe Rússia – exclamou Pasha.

Antes de Tatiana conseguir dizer o que estava a pensar, e que era um «Uau!» imensamente entusiasmado, o pai saltou do sofá e, respondendo apenas a Pasha, exclamou:

– Que ideias são essas? Para onde pensas que vais?

– Ora, Papochka. – Pasha sorriu: – Na guerra são sempre precisos homens.

– Homens, sim. Não crianças – zangou-se o pai, ajoelhando-se no chão e espreitando por baixo da cama de Tatiana e Dasha.

– Guerra... não é possível! – comentou lentamente Tatiana. – O camarada Estaline não assinou um tratado de paz?

– Tania, isto é a sério. A sério – retorquiu a mãe, servindo o chá.

Tatiana tentou conter a emoção:

– Teremos de ser *evacuados*?

O pai puxou uma mala velha e estragada que estava debaixo da cama.

– Já? – perguntou Tatiana, espantada.

Sabia o que era a evacuação pelas histórias que o Deda e a Babushka lhe contavam sobre a agitação por altura da Revolução de 1917, quando tinham ido viver para uma aldeia a oeste dos montes Urais, de cujo nome nunca se lembrava. Esperando pelo comboio com tudo o que possuíam, acotovelando-se lá dentro, atravessando o Volga de barco...

O que a entusiasmava era a mudança. O desconhecido. Estivera em Moscovo de passagem quando tinha oito anos... mas isso contava? Moscovo não tinha nada de exótico. Não era África nem a América. Nem sequer os Urais. Era apenas Moscovo. Não havia nada além da Praça Vermelha, nadinha.

Em dias de passeio, os Metanov haviam visitado Tsarskoye Selo e Peterhof. Os bolcheviques tinham transformado os palácios de verão do czar em riquíssimos museus com jardins paisagísticos. Vagueando pelos corredores de Peterhof, pisan-do cuidadosamente os veios do mármore frio, Tatiana mal pudera acreditar que tivesse havido pessoas com *tudo aquilo* onde viver.

Mas depois a família regressava a Leninegrado, às duas divisões na Quinto Soviete e, antes de chegar ao quarto, Tatiana tinha de passar pelos seis Iglenko, que viviam ao fundo do corredor com a porta aberta.

Quando tinha três anos, a família passara férias na Crimeia, que naquela manhã fora atacada pelos Alemães. Dessa viagem, lembrava-se que fora a primeira vez que comera uma batata crua. E também a última. Vira girinos num lago e dormira numa tenda, com um cobertor. Recordava vagamente o cheiro da água salgada. Fora no gélido mar Negro que sentira a primeira e última alforreca da sua vida, passando-lhe pelo pequeno corpo nu e fazendo-a guinchar de alegre terror.

A ideia da evacuação revolvia-lhe o estômago. Nascida em 1924, o ano da morte de Lenine, *depois* da revolução, *depois* da fome, *depois* da guerra civil, Tatiana viera ao mundo *depois* do pior mas *antes* de qualquer coisa boa. Nascera *durante*.

Erguendo os olhos negros para ela, como se quisesse medir-lhe as emoções, o Deda perguntou-lhe:

– Em que estás a pensar, Tanechka?

– Em nada. – Tentou acalmar-se.

– O que irá nessa cabecinha? Estamos em guerra, percebes?

– Percebo.

– Não sei porquê, mas não me parece. – Depois de uma pausa: – A vida que conheces acabou. Ouve bem o que te digo. De hoje em diante, nada será como imaginaste.

– Pois não! – entusiasmou-se Pasha. – Vamos mandar os Alemães para o Inferno, que é o lugar deles. – Sorriu para Tatiana, que lhe devolveu o sorriso.

A mãe e o pai estavam calados.

– Sim, e depois? – indagou o pai.

A Babushka foi sentar-se no sofá ao lado do Deda. Pousando a mão grande na dele, cerrou os lábios e assentiu de um modo que mostrou a Tatiana que sabia coisas que preferia guardar para si própria. O Deda também sabia, mas fosse lá o que fosse que ambos sabiam, não se comparava com a agitação que sentia. «Está bem», pensou. «Não compreendem. Não são jovens.»

A mãe quebrou o silêncio das sete pessoas ali reunidas:

– O que estás a fazer, Georgi Vasilievich?

– São muitos filhos, Irina Fedorovna. Muitos filhos com que me preocupar – explicou-lhe tristemente, às voltas com a mala de Pasha.

– A sério, pai? – observou Tatiana. – Com qual dos seus filhos gostaria de não se preocupar?

Sem responder, o pai foi às gavetas de Pasha no armário que todos partilhavam e começou a atirar as roupas do rapaz para a mala, ao acaso.

– Vou mandá-lo embora, Irina. Vou mandá-lo acampar para Tolmachevo. De qualquer forma, já ia para a semana com o Volodya Iglenko. Agora vai um bocadinho antes. E o Volodya também. A Nina não se importará nada que partam uma semana mais cedo. Vais ver que tudo se arranja.

A mãe abriu a boca e abanou a cabeça:

– Tolmachevo? É seguro? Tens a certeza?

– Absoluta.

– Mas claro que não! – protestou Pasha. – Paizinho, a guerra começou! Não vou acampar, vou mas é alistar-me.

«Muito bem, Pasha», pensou Tatiana, mas o pai virou-se e lançou um olhar de cólera ao irmão e, sustendo a respiração, a rapariga de repente percebeu tudo.

O pai agarrou Pasha pelos ombros e começou a abaná-lo:

– O que estás a dizer? Endoideceste? *Alistar-te?*

Pasha debateu-se para se libertar, mas o pai não o largou.

– Paizinho, largue-me.

– Pavel, és meu filho e tens de me ouvir. A primeira coisa que vais fazer é sair de Leninegrado. Depois discutimos. Agora tens é de apanhar o comboio.

Havia qualquer coisa de embaraçoso e desajeitado naquela cena física numa divisão tão pequena, com tanta gente a assistir. Tatiana teria gostado de se afastar, mas não sabia para onde. À frente tinha a avó e o avô, atrás Dasha, à esquerda a mãe, o pai e o irmão. Baixou o olhar para as mãos e fechou os olhos. Imaginou-se deitada de costas no meio de um campo, comendo trevo-doce. Sem ninguém à volta.

Como é que as coisas tinham mudado numa questão de segundos?

Abriu os olhos e pestanejou. Um segundo. Pestanejou de novo. Outro segundo.

Uns segundos antes, estava a dormir.

Uns segundos antes, Molotov falara.

Uns segundos antes, estava entusiasmadíssima.

Uns segundos antes, o pai falara.

E agora Pasha ia partir. Abrir os olhos, fechar os olhos, abrir os olhos, fechar os olhos.

O Deda e a Babushka encontravam-se diplomaticamente calados, como sempre. O Deda, Deus o abençoe, nunca perdia uma oportunidade para ficar calado. Nesse aspeto, a Babushka era exatamente o oposto mas, neste caso, decidira obviamente seguir-lhe o exemplo. Se calhar porque ele lhe apertava a perna de cada vez que ela abria a boca; fosse lá porque fosse, não falou.

Sem medo do pai e sem desanimar com a perspetiva longínqua da guerra, Dasha levantou-se e disse:

– Isso é uma loucura, paizinho. Porque o manda embora? Os Alemães nem sequer estão perto de Leninegrado. Não ouviu o camarada Molotov? Estão na Crimeia, a milhares de quilómetros daqui.

– Cala-te, Dashenka – ordenou ele. – Fazes lá ideia de como são os Alemães!

– Não estão aqui, paizinho – repetiu Dasha numa voz forte, que não admitia discussões. Tatiana gostaria de conseguir falar de um modo tão persuasivo como ela, mas tinha uma vozinha fraca, como se ainda lhe faltasse alguma hormona feminina. E era quase verdade. Só começara a ter o período no ano anterior, e mesmo assim... *quase* não tinha período. Era mais uma espécie de vaivém. Chegara no inverno, decidira que não gostava e não voltara a aparecer até ao outono, altura em que se instalara como se nunca mais se fosse embora. Desde essa altura, vira-o mais duas vezes. Se viesse com mais frequência, talvez conseguisse ter uma voz ativa como a de Dasha. O período da irmã era como um relógio.

– Daria! Não vou agora discutir contigo! – exclamou o pai. – O teu irmão não fica em Leninegrado. Pasha, veste-te. Enfia umas calças e uma camisa bonita.

– Paizinho, por favor...

– Pasha! Já disse para te vestires. Não podemos perder tempo. Aposto que os acampamentos vão ficar cheios não tarda nada, e depois não poderás entrar.

Se calhar foi um erro dizer aquilo a Pasha, pois Tatiana nunca vira o irmão mexer-se mais devagar. Devia ter demorado uns bons dez minutos a procurar a única camisa que tinha. Todos desviaram o olhar enquanto se vestia. Tatiana voltou a fechar os olhos, em busca do prado, do delicioso cheiro estival a groselhas e urtigas. Apeteceu-lhe mirtilos. Percebeu que tinha fome. Abrindo os olhos, observou o que se passava à sua volta.

– Não quero ir – protestou Pasha.

– É só por algum tempo, filho – retorquiu o pai. – Uma precaução. No acampamento estarás seguro, fora de perigo. Ficas lá aí um mês, até vermos o desenvolvimento da guerra. Depois voltas e, se houver evacuação, saís daqui com as tuas irmãs.

Boa! Era o que Tatiana queria ouvir.

– Georg – chamou o Deda suavemente. – Georg!

– Sim, Papochka? – retorquiu ele numa voz respeitosa. Ninguém amava o Deda mais do que o pai, nem sequer Tatiana.

– Georg, não podes evitar que o rapaz seja recrutado. Não podes.

– Claro que posso. Ele só tem dezassete anos.

O Deda abanou a cabeça grisalha:

– Precisamente... dezassete anos. Vão levá-lo.

Uma expressão de medo apossado perpassou o rosto do pai e desapareceu:

– Não vão levá-lo, Papochka – respondeu em voz rouca. – Nem sei do que é que está a falar. – Era evidente que não conseguia dizer o que sentia: *calem-se todos e deixem-me salvar o meu filho da única maneira que sei*. O Deda recostou-se nas almofadas do sofá.

Sentindo-se mal por causa do pai e querendo ajudar, Tatiana começou a dizer:

– Ainda não estamos... – Mas a mãe interrompeu-a:

– Pashechka, leva uma camisola, meu querido.

– Não levo nada, mãe. Estamos em pleno verão! – exclamou ele.

– Ainda há duas semanas tivemos geada.

– E agora está calor. Não vou levar camisola nenhuma.

– Ouve o que a tua mãe te diz, Pavel – interveio o pai. – As noites devem ser frias em Tolmachevo. Leva a camisola. – Pasha suspirou profundamente, com rebeldia, mas pegou na camisola e atirou-a para dentro da mala. O pai fechou-a.

– Ouçam todos. O meu plano é este...

– Qual plano? – inquiriu Tatiana com alguma frustração. – Espero que o seu plano inclua comida, porque...

– Já sei porquê – cortou ele. – Agora cala-te e ouve. Isto também tem a ver contigo. – E começou a dizer-lhes o que queria que cada um fizesse.

Tatiana deixou-se cair para trás na cama. Uma vez que a evacuação não seria *imediata*, não estava interessada em ouvir mais.

Pasha ia sempre no verão para o acampamento de rapazes em Tolmachevo, Luga ou Gatchina. Preferia Luga, que tinha o melhor rio para nadar. E Tatiana também gostava mais que ele estivesse em Luga, perto da *dacha*, a casa de verão da família, onde lhe era possível ir visitá-lo. O acampamento ficava apenas a cinco quilómetros da *dacha*, atravessando o bosque a direito. Por outro lado, em Tolmachevo, que distava vinte quilómetros de Luga, os vigilantes eram rigorosos e queriam toda a gente a pé ao nascer do dia. Pasha dizia que era como estar na tropa. «Bem, agora será como se estivesse», pensou, sem dar atenção ao que o pai dizia.

Tatiana sentiu que Dasha lhe dava um beliscão na perna.

– Ai! – exclamou alto de propósito, esperando que lhe ralhassem por a magoar. Ninguém ligou. Ninguém disse nada. Ninguém sequer olhou para ela. As atenções viravam-se todas para Pasha que, magro e desajeitado, de calças castanhas e camisa bege já velha, permanecia de pé no meio da sala, com o vigor da adolescência... tão amado! E sabia-o.

Era o filho preferido, o neto preferido, o irmão preferido de toda a gente.

Porque era o único rapaz.

Tatiana levantou-se da cama, aproximou-se dele, passou-lhe o braço em volta e disse:

– Anima-te. Tens muita sorte. Vais acampar e eu não vou a lado nenhum.

Ele afastou-se ligeiramente, não porque se sentisse desconfortável com ela, mas porque não achava que tivesse sorte. Tatiana sabia que o que o irmão mais queria era ser soldado e não ir para um acampamento idiota.

– Pasha – continuou ela jovialmente. – Primeiro tens de *me* ganhar às guerras. *Depois*, podes alistar-te para combater os Alemães.

– Cala-te, Tania – disse Pasha.

– Cala-te, Tania – disse o pai.

– Paizinho – interpelou-o Tatiana –, posso fazer a *minha* mala? Também quero ir acampar.

– Estás pronto, Pasha? Vamos embora – ordenou ele, sem sequer responder à filha. Não havia acampamentos para raparigas.

– Tenho uma anedota para te contar, querido Pasha – insistiu ela, sem querer desistir e pouco abalada com a relutância do irmão.

– Não quero ouvir as tuas anedotas parvas, querida Tania.

– Vais gostar desta.

– Duvido.

– Tatiana! Não é altura para anedotas! – censurou o pai com firmeza.

O Deda interveio em favor da neta:

– Georg, deixa-a lá.

Baixando a cabeça para o avô, Tatiana começou:

– Um soldado é levado para ser executado. «Que mau tempo», diz para os guardas. «Olha quem fala!», dizem eles. «Quem tem de fazer o caminho de volta somos *nós*.»

Ninguém se mexeu. Ninguém sorriu.

Pasha ergueu as sobrancelhas, beliscou-a e cochichou-lhe:

– Essa foi boa, Tania.

Ela suspirou. «Ainda hei de sentir-me nas nuvens», pensou. «Mas não será hoje.»

## 2

– Tatiana, chega de despedidas. Daqui a um mês já vês outra vez o teu irmão. Anda lá abaixo abrir-nos a porta da rua. A tua mãe está com dores nas costas – disse-lhe o pai, enquanto se preparavam para transportar as coisas de Pasha, juntamente com vários sacos de comida suplementar.

– Está bem, paizinho.

O apartamento tinha a estrutura de um comboio: um corredor comprido com nove quartos. Duas cozinhas, uma à frente e outra atrás. As casas de banho e as retretes tinham ligação com as cozinhas. Vinte e cinco pessoas viviam nos nove quartos. Cinco anos antes, havia trinta e três pessoas no apartamento, mas oito tinham-se mudado, morrido ou...

A família de Tatiana vivia na parte de trás. Era melhor. A cozinha das traseiras era a maior das duas e tinha escadas que davam para o telhado e para o pátio; a jovem gostava de usar as escadas das traseiras porque assim podia sair sem passar pelo quarto do Slavin maluco.

A cozinha de trás tinha um fogão maior do que a da frente e uma casa de banho mais ampla. E só três famílias as dividiam com os Metanov: os Petrov, os Sarkov e o Slavin maluco, que nunca cozinhava nem nunca tomava banho.

De momento, Slavin não se encontrava no corredor. Ótimo.

Percorrendo-o até à porta da entrada, passou pelo telefone comum. Petr Petrov estava a usá-lo, e Tatiana teve tempo para pensar na sorte que tinham por o telefone funcionar. A sua prima Marina morava num apartamento onde o telefone passava a vida avariado por causa da ligação defeituosa. Normalmente só conseguia contactar com ela escrevendo-lhe ou indo visitá-la pessoalmente, o que

não fazia muitas vezes porque Marina vivia no extremo oposto da cidade, do outro lado do rio Neva.

Ao aproximar-se de Petr, viu que ele estava muito agitado. Era evidente que estava à espera de linha: embora o fio fosse curto de mais para lhe permitir andar de um lado para o outro, o certo é que o fazia com o corpo todo, apesar de não sair do lugar. Petr conseguiu a ligação precisamente na altura em que Tatiana passava por ele no corredor estreito; soube-o, porque ele gritou para o telefone:

– Luba! És tu? És tu, Luba?

O seu grito foi tão inesperado e agudo que Tatiana deu um salto e bateu na parede. Recompondo-se, passou depressa por ele e depois abrandou, para poder escutar:

– Luba, estás a ouvir? A ligação não é boa. Está toda a gente a tentar falar. Luba, volta para Leninegrado! Ouviste? A guerra começou. Traz o que puderes, deixa o resto e mete-te no comboio. Luba! Não, não é daqui a uma hora, nem amanhã... é *agora*, entendes? Imediatamente! – Depois de uma curta pausa: – Deixa lá as nossas coisas! Estás a ouvir, mulher?

Virando-se, viu as costas rígidas de Petr.

– Tatiana! – O pai olhava para ela com uma expressão colérica que dizia: *se não vieres imediatamente...*

Mas a rapariga deixou-se ficar para ouvir mais. O pai berrou do outro lado do corredor:

– Tatiana Georgievna! Anda cá ajudar! – Tal como a mãe, o pai só a tratava pelo nome todo quando queria mostrar-lhe que não estava para brincadeiras. Tatiana despachou-se, pensando em Petr Petrov e perguntando-se porque seria que o irmão não podia ele próprio abrir a porta.

Volodya Iglenko, que era da idade de Pasha e que ia com ele para o acampamento, desceu as escadas com os Metanov, transportando ele a mala e abrindo ele a porta. Eram quatro irmãos. Não tinha outro remédio senão fazer as coisas sozinho.

– Pasha, eu explico-te – disse Tatiana calmamente. – É assim: pões a mão no puxador, puxas e a porta abre-se. Sais, e ela fecha-se atrás de ti. Vamos lá ver se consegues.

– Abre a porta e deixa-te de coisas, Tania – retorquiu Pasha. – Não vês que tenho as mãos ocupadas com a mala?

Já na rua, ficaram calados por um momento.

– Tania – começou o pai –, pega nos cento e cinquenta rublos que te dei e vai comprar comida. Mas não te demores, como sempre. Vai já. Estás a ouvir?

– Está bem, paizinho, vou imediatamente.

Pasha fungou de desprezo:

– Vais mas é voltar para a cama – cochichou.

– Vamos, é melhor irmos andando – disse a mãe.

– Pois é – concordou o pai. – Vamos, Pasha.

– Até à vista – despediu-se Tatiana, dando um murro no braço de Pasha, que gemeu e, em resposta, lhe puxou o cabelo.

– Prende o cabelo antes de saíres, sim? Ainda pregas um susto a quem te vir.

– Ou te calas ou corto-o rente – respondeu ela alegremente.

– Vá, vamos embora – repetiu o pai, puxando Pasha.

Tatiana despediu-se de Volodya, disse adeus à mãe, lançou um último olhar às costas do relutante Pasha e subiu as escadas.

O Deda e a Babushka saíram com Dasha. Iam ao banco levantar o dinheiro.

Tatiana ficou sozinha.

Soltando um suspiro de alívio, deixou-se cair na cama.

Sabia que nascera muito tarde. Ela e Pasha. Devia ter nascido em 1917, como Dasha. Houvera outros filhos depois dela, mas não por muito tempo: dois irmãos, um nascido em 1919 e outro em 1921, haviam morrido de tifo. Uma rapariga que viera ao mundo em 1922 morrera com escarlatina em 1923. Em 1924, com Lenine a morrer, o Novo Plano Económico (esse breve regresso ao comércio livre) a chegar ao fim e Estaline conspirando para alargar a sua base de apoio na junta governativa, Pasha e Tatiana tinham saído com sete minutos de diferença do corpo de uma Irina Fedorovna de trinta e dois anos e muito cansada. A família *queria* Pasha, o seu rapaz, mas Tatiana fora uma surpresa. Ninguém tinha gémeos. Quem tinha gémeos? Era coisa de que quase nem se ouvia falar. Além disso, não havia espaço. Ela e Pasha tinham sido obrigados a dormir no mesmo berço durante os três primeiros anos de vida. Depois, Tatiana passara a dormir com Dasha.

Mas o problema persistia: estava a ocupar um espaço valioso. Dasha não se podia casar porque Tatiana se apoderara do lugar onde o seu futuro marido se deitaria. Dasha fazia-lho sentir muitas vezes, dizendo:

– Vou morrer solteirona por tua causa.

A isto, Tatiana respondia imediatamente:

– E depressa, espero, para eu poder casar e ter o meu marido deitado ao pé de mim.

Depois de ter acabado a escola no mês anterior, Tatiana arranjava trabalho para não ter de passar mais um verão ocioso em Luga, lendo, remando e entre-tendo-se com brincadeiras parvas com os outros miúdos na rua cheia de poeira. Sempre passara o verão na sua *dacha* de Luga e no vizinho lago Ilmen, em Novgorod, onde os pais da sua prima Marina também tinham uma *dacha*.

No passado, Tatiana gostava de pepinos em junho, tomates em julho e talvez algumas framboesas em agosto; adorava apanhar cogumelos e mirtilos e pescar no rio: tudo prazeres muito simples. Mas aquele verão ia ser diferente.

Percebeu que estava farta de ser criança. Mas como, por outro lado, não sabia ser mais nada, arranjava trabalho na fábrica de Kirov, a sul de Leninegrado, o que era *quase* adulto. Agora trabalhava e lia sempre o jornal, abanando a cabeça à França, ao marechal Pétain, a Dunquerque e a Neville Chamberlain. Tentava mostrar-se muito séria, assentindo com ar de entendida relativamente às crises nos Países Baixos e no Oriente. Eram as suas concessões à idade adulta: Kirov e o *Pravda*.

Gostava do trabalho em Kirov, o maior complexo industrial de Leninegrado e provavelmente de toda a União Soviética. Ouvira dizer que algures na fábrica se construía tanques. Mas duvidava. Nunca vira nenhum.

Fazia talheres. O seu trabalho era colocar as facas, garfos e colheres em caixas. Era a penúltima pessoa da cadeia de montagem. A repariga que ficava a seguir selava as caixas. Tinha pena dela: selar era um frete. Ela, pelo menos, manejava três utensílios diferentes.

«Vai ser divertido trabalhar em Kirov este verão», pensou Tatiana, deitada na cama. «Mas não tão divertido como a evacuação.»

Gostaria de ter algumas horas para ler. Começara havia pouco os contos sádicos e engraçados de Mikhail Zoshchenko sobre as irónicas realidades da União Soviética. Mas o pai dera-lhe instruções muito claras. Olhou com pena para o livro. Para quê tanta pressa? Os adultos comportavam-se como se houvesse fogo. Os Alemães encontravam-se a dois mil quilómetros de distância. O camarada Estaline não deixaria o traidor do Hitler embrenhar-se no país. E Tatiana nunca conseguia estar sozinha em casa.

Logo que percebera que não ia haver evacuação imediata, ficara menos entusiasmada com a guerra. Era *interessante*? Sim, mas a história de Zoshchenko, «Banya» («Os Banhos»), sobre um homem que ia aos banhos soviéticos, aproveitava para lavar a roupa e perdia a senha do casaco era de morrer a rir. «Onde há de um homem nu pôr a senha do casaco? Desapareceu durante o banho. Só ficou o fio. Apresento o fio ao empregado, que não o aceita. ‘Qualquer cidadão pode mostrar-me um fio’, diz. ‘E depois não haverá casacos para todos. Espere até os outros clientes se irem embora, e eu dou-lhe o casaco que restar.’»

Como não ia haver evacuação, Tatiana leu a história duas vezes, deitada na cama com as pernas na parede e sem poder mais de tanto rir.

No entanto, ordens eram ordens. Tinha de sair para comprar comida.

Só que era domingo, e Tatiana só gostava de sair ao domingo toda aperaltada. Sem pedir licença, calçou as sandálias vermelhas de salto alto de Dasha, com as quais andava como uma vitela recém-nascida com duas patas partidas. Dasha equilibrava-se melhor, mas também estava muito mais habituada.

Tatiana escovou o cabelo muito louro e comprido, desejando ter caracóis espessos e escuros como o resto da família. O dela era tão liso e louro: *bah!* Usava-o sempre atado num rabo de cavalo ou em trança. Naquele dia, fez um rabo de cavalo.

Era inexplicável como tinha o cabelo tão claro e escorrido. Em defesa da filha, a mãe dizia que também tinha o cabelo louro e liso em criança. Sim, e a Babushka dizia que só pesava quarenta e sete quilos quando se casara.

Enfiando o único vestido de domingo que possuía, verificou a limpeza impecável do rosto, dentes e mãos e saiu do apartamento.

Cento e cinquenta rublos era uma quantia colossal. Não sabia onde fora o pai arranjar tanto dinheiro, mas a verdade era que aparecera nas suas mãos como por magia e não tinha nada a ver com isso. A verdade era que tinha de regressar com... o que dissera o pai? Arroz? Vodca? Já se esquecera.

A mãe bem lhe dissera:

– Georg, não a mandes à rua. Não vai comprar nada.

– A mãezinha tem razão. Mande a Dasha, paizinho – concordara Tatiana.

– Não! – exclamara ele. – Sei que és capaz. Vai à loja, leva um saco e traz...

Que lhe dissera ele para trazer? Batatas? Farinha?

Ao passar pelo quarto dos Sarkov, viu Zhanna e Zhenya Sarkov sentados em cadeiras de braços, bebendo chá e lendo com um ar muito descontraído, como se aquele fosse um domingo qualquer. «Que sorte a deles, com um quarto assim tão grande só para os dois!», pensou Tatiana. O Slavin maluco não estava no corredor. Ótimo.

Era como se o comunicado de Molotov duas horas antes não passasse de uma aberração num dia normal. Quase duvidou do que ouvira até sair e virar a esquina na Grechesky Prospekt, onde formigueiros de pessoas se precipitavam para a Nevsky Prospekt, a principal rua comercial de Leninegrado.

Nem se lembrava da última vez que vira tanta gente na rua. Dando rapidamente meia-volta, dirigiu-se à Suvorovsky Prospekt pelo outro lado. Queria fingir a multidão. Se as pessoas iam todas para as lojas da Nevsky Prospekt, então ela dirigir-se-ia ao Parque Tauride, onde as mercearias, embora mal fornecidas, tinham pouca freguesia.

Um homem e uma mulher passaram por ela, olharam para o seu vestido e sorriram. Ela baixou o olhar, mas também sorriu.

Envergava o seu esplêndido vestido branco com rosas vermelhas. Tinha-o desde 1938, quando fizera catorze anos. O pai comprara-lho a um vendedor ambulante numa cidade chamada Swietokryst, na Polónia, onde fora em viagem de trabalho, em representação dos serviços de distribuição de água de Leninegrado. Fora a Swietokryst, Varsóvia e Lublin. Quando regressara, até parecera que viajara pelo mundo todo. Trouxera chocolates de Varsóvia para Dasha e para a mãe, mas já tinham desaparecido havia muito tempo: dois anos e trezentos e sessenta e três dias. Tatiana, pelo contrário, ainda tinha o vestido de rosas carmesins bordadas no algodão grosso, macio e de uma brancura de neve. As rosas não eram botões mas sim flores desabrochadas. Era um vestido de verão perfeito, com alças fininhas,

sem mangas. Apertava na cintura e caía em godés até pouco acima dos joelhos. Se andasse à volta suficientemente depressa, a saia abria-se em para-queda.

O vestido só tinha um problema: em junho de 1941, já era muito pequeno. As alças de cetim que se cruzavam nas costas, e que dantes apertavam sem esforço, tinham de ser constantemente desapertadas.

Achava horrível que o corpo com o qual se sentia cada vez menos à vontade fosse acabar por não caber no seu vestido preferido. Não que o seu corpo estivesse a desabrochar como o de Dasha, cheio de ancas, seios, coxas e braços. Não, nem por sombras. As suas ancas, embora redondas, continuavam pequenas e as pernas e os braços magrinhos, mas os seios aumentavam, e era *aí* que estava o problema. Se o peito tivesse permanecido na mesma, não seria obrigada a deixar as alças desapertadas, expondo aos olhares do mundo as costas nuas, desde as omoplatas ao fundo das costas.

Tatiana adorava o toque do algodão na pele e brincar com as rosas bordadas, mas detestava sentir o corpo a explodir metido num vestido que quase não a deixava respirar. Do que gostava era da lembrança do domingo em que o pusera pela primeira vez no corpo magricela de catorze anos e saíra para passear na Nevsky. Fora por isso que o vestira outra vez naquele domingo em que a Alemanha invadira a União Soviética.

A um outro nível, consciente e gritante, também adorava aquela etiqueta pequenina que dizia FABRIQUÉ EN FRANCE.

*Fabriqué en France!* Era muito bom ter qualquer coisa que não fora mal feita pelos Soviéticos mas antes romanticamente confeccionada pelos Franceses; haveria alguém mais romântico do que os Franceses? Eram mestres no amor. Todos os povos eram diferentes. Os Russos não tinham igual na capacidade de sofrimento, os Ingleses eram reservados, os Americanos ímpares no amor à vida, os Italianos no amor a Cristo e os Franceses na esperança do amor. Portanto, ao produzirem o seu vestido, tinham-no feito cheio de promessas, como que a dizer-lhe: «Veste-o, *chérie*, e com ele serás amada como nós amamos; veste-o e o amor será teu.» Por isso, nunca desesperava quando trazia o vestido branco de rosas vermelhas. Se fosse americano, seria feliz. Se italiano, começaria a rezar. Se inglês, dar-se-ia ares. Mas como era francês, nunca perdia a esperança.

No entanto, naquele momento, descia a Suvorovsky com um vestido que lhe apertava desconfortavelmente o peito adolescente.

Com um tempo tão agradável, até era pecado pensar que Hitler invadira a União Soviética num dia assim tão soalheiro e cheio de promessas. Tatiana abanou a cabeça. O Deda nunca confiara naquele Hitler e dissera-o desde o princípio. Quando o camarada Estaline assinara o pacto de não-agressão com Hitler em 1939, o Deda declarara que Estaline fora para a cama com o Diabo. E agora o

Diabo traía Estaline. Era assim tanto de admirar? Não seria de esperar? Ou queríamos que o Diabo se portasse como gente honrada?

Tatiana considerava o Deda o homem mais esperto da Terra. Desde que a Polónia fora esmagada em 1939 que o Deda dizia que Hitler havia de atacar a União Soviética. Há uns meses, na primavera, começara de repente a levar conservas para casa. Conservas de mais para o gosto da Babushka, que não estava grandemente interessada em gastar uma parte da pensão mensal do Deda numa coisa intangível como a *precaução*. E zombava dele:

– Que estás para aí a dizer? Guerra? – dizia, fuzilando com o olhar o fiambre em lata. – Mas quem achas que vai comer isto? Eu nunca hei de comer essa porcaria. Porque gastas dinheiro em porcarias? Porque não compras cogumelos marinados ou tomates? – E o Deda, que amava a Babushka mais do que qualquer mulher merece ser amada por um homem, baixava a cabeça, deixava-a resmungar à vontade e não dizia nada, mas no mês seguinte voltava a levar para casa mais latas de fiambre. Também comprava açúcar, café, tabaco e vodca. Mas com estes artigos tinha menos sorte, porque nos dias de aniversário, de anos de casados ou no Primeiro de Maio, a vodca era aberta, o tabaco fumado, o café bebido e o açúcar usado no pão, na massa para a torta e no chá. O Deda era incapaz de negar à família aquilo que rejeitava para si próprio. No dia dos seus anos, portanto, recusava-se a abrir a vodca. Mesmo assim, a Babushka ia ao saco tirar açúcar para lhe fazer torta de mirtilos. A única coisa que crescia uma ou duas latas por mês era o fiambre, que toda a gente detestava e ninguém comia.

A missão de Tatiana – comprar todo o arroz e toda a vodca que conseguisse – estava a revelar-se muito mais difícil do que esperava.

Nas lojas da Suvorovsky já não havia vodca. Havia queijo, mas o queijo não se conservaria muito tempo. Havia pão, mas o pão não se conservaria muito tempo. O salame desaparecera, assim como os enlatados. E a farinha.

Estugando o passo, percorreu a Suvorovsky, onze quarteirões ao todo, mais de um quilómetro: os enlatados e os alimentos que se conservavam mais tempo tinham-se esgotado em todas as lojas. E eram só três da tarde.

Passou por dois bancos de poupanças. Ambos fechados. Cartazes apressadamente escritos à mão diziam ENCERRADO. Ficou admirada. Porque fechariam os bancos mais cedo? Com certeza que o dinheiro não se esgotaria. Afinal de contas, eram bancos. Soltou uma risadinha para si própria.

Tatiana percebeu que os Metanov tinham perdido muito tempo ao deixarem-se ficar sentados, despachando Pasha, discutindo, olhando tristemente uns para os outros. Deviam ter ido imediatamente à rua, mas em lugar disso haviam levado Pasha. E Tatiana pusera-se a ler Zoshchenko. Devia ter saído uma hora mais cedo. Se ao menos tivesse ido à Nevsky Prospekt, poderia estar agora na fila, no meio da multidão.